

REDACTOR PRINCIPAL
ALEXANDRE VIEIRA
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho
EDITOR - JOAQUIM CARDOSO

Redacção e administração - Calçada do Combro, 36-A, 2.º
Lisboa - PORTUGAL
End. telegr. Talha - Lisboa - Telefone
Officinas de impressão - Rua da Atalaia, 134

ABATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ - PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

O proletariado português e a Rússia

Desde que este jornal se fundou, tem defendido com a maior energia, sem recuar, sem hesitar, sem vacilar, a Revolução Russa. Vemos no movimento moscovita uma insurreição de carácter social, que tem infundido nos pontos de contacto com o nosso, uma primeira revolução que teve a coragem de insinuar na sua bandeira a restituição da terra e dos instrumentos de trabalho aos assalariados. É uma Revolução Social, devido ao que tem recebido violentíssimos ataques da burguesia de todo o mundo e ao apoio decidido de todos os revolucionários sinceros que, não abdicando de diferenças filosóficas, verificam o facto e procedem segundo os ensinamentos que dele dimanam. Tem sido esta a nossa atitude. Desejamos sempre ardentemente que a Revolução esmagasse os seus inimigos, que vencesse as dificuldades que se levantavam a seus pés, que, enfim, resultasse vitoriosa a primeira grande tentativa de aplicação dos princípios socialistas que, até agora, exceptuando o episódio da Comuna de Paris, não tinham saído do domínio da metafísica. Quanto aos crimes e virtudes que lhe apontam, uns para a arrastar mais baixo que a lama, outros para que as multidões a venerem quasi religiosamente, nunca nos pronunciámos, limitando-nos a dar à estampa os informes que reputávamos mais ou menos fiéis, porque difícil é, ainda hoje, para quem queira proceder com consciência, traçar um quadro da vida russa em todos os seus aspectos, com tintas puras e contornos verdadeiros. Aceitamos a designação de *bolxevistas*, porque a burguesia engloba nela todas aquelas que aspiram à liquidação da sociedade burguesa, não desajam, porém, que em Portugal se adopte o padrão russo, pois não admitimos que a Revolução seja uma uniformidade absoluta; os movimentos sociais dos vários países tem características bem acentuadas, que isso é completamente impossível.

O grito de guerra em Petrogrado e Moscovo, durante o mês de Fevereiro de 1917, foi: «O poder para os soviets». Estamos, no entanto, certos de que, se a organização sindical russa estivesse devidamente desenvolvida, oferecendo a robustez necessária, os revolucionários gritariam antes: «O poder para os sindicatos», pois como Salvador Seguí disse, ultimamente, num dos seus magistrais discursos, não devemos considerar o sindicato só como uma arma para obter aumentos de salário, melhoramentos das condições oficiais, redução da jornada de trabalho, mas ainda como a célula da Sociedade Futura. Esta é a nossa atitude: defendemos a Revolução Russa, através de tudo e contra tudo; quanto às suas teorias não as aceitamos em absoluto, e, quanto aos seus métodos de acção, não os conhecemos tão bem que acérca deles possamos pronunciar-nos com segurança.

Apontamos a traços largos o que pensamos sobre a Revolução Socialista Russa, as palavras que o leitor acaba de ler definem o nosso pensamento, aliás dezenas de vezes desenvolvido em longos artigos. Quanto à atitude da organização operária portuguesa, ela é a da *Batalha*, seu órgão oficial, e se ainda não confirmou com factos a sua simpatia para com o heroico proletariado slavo é porque Portugal se encontra em tais circunstâncias, que tal se não torna preciso. Pela sua situação geográfica e pela sua situação económica, este país não presta o mínimo auxílio à internacional negra e capitalista, apesar de para isso não faltar a vontade aos governantes. Mas enquanto isto sucede nos paragens lusitanas, lá longe, na Itália, nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra, houve operários que manipularam granadas aos militares para os canhões do tsarismo, e aos portos do Mar Negro, da Sibéria Oriental e do Báltico chegavam ininterruptamente barcos das potências ocidentais, com auxílios em comestíveis, munições, armas e dinheiro para as tropas de Vidnich, Kolchak e Denikine, trindade-sinistra ao serviço da alta finança dos empréstimos externos do império.

As forças sindicais revolucionárias desses países viram o perigo, viram que as massas operárias estavam contribuindo para o apunhalamento traiçoeiro da Revolução Russa. Protestaram e agiram. A consciência das multidões agitou-se e as minorias inteligentes do proletariado fizeram ver os inconvenientes que para a universal causa da emancipação dos trabalhadores resultaria do estrangulamento do colossal resultado dos trabalhadores dos países a que acima nos referimos oporem ao bloqueio aos revolucionários, promovendo pela burguesia, o contra-bloqueio, mantido energicamente, apesar das baionetas opressoras das guardas pretorianas do capitalismo. E esse contra-bloqueio deu resultado. Ante o badalar insistente dos sinos revolucionários, dando o alarme no sub-solo social para a defesa dos revolucionários ameaçados, os governantes aterrorizaram-se, e os navios aliados deixaram de singrar tão frequentemente os mares, levando nos seus porões a pólvora e o ferro com que os pãquidos financeiros da City e da Bolsa de Paris queriam estrangular os peitos dos valorosos guardas vermelhos.

Mas a Internacional Sindicalista ainda não estava satisfeita. Na realidade, nos principais países beligerantes o contra-bloqueio revolucionário era uma realidade; porém, a burguesia, sempre ardida, com um pouco de habilidade poderia iludir esse contra-bloqueio, utilizando-se dos países neutros para auxiliar os reaccionários russos, para mais

que nenhuma prevenção haviam recebido as centrais sindicais dessas nações, não sendo absoluta a unidade do front revolucionário. Em face disso, a Federação Internacional dos Transportes, com sede em Christiania, na Noruega, resolveu, após ponderada apreciação dos acontecimentos, dirigir um apelo às organizações centrais do proletariado de todo o mundo, para que o contra-bloqueio revolucionário se estendesse a todos os países, devendo ele partir, muito logicamente, dos operários dos transportes, em cujas mãos a consciência está, em grande parte, a sorte da Revolução.

A organização operária portuguesa também recebeu da Internacional Sindicalista um apelo a favor da Rússia. Como consequência disso, celebrou-se, anteontem, na sede uma importante reunião dos sindicatos dos Transportes, reunião de que deu a *Batalha* um largo relato. A ninguém pode passar despercebida a importância das deliberações que se tomaram. Trata-se da adesão dos trabalhadores portugueses ao contra-bloqueio revolucionário, trata-se de efectivar a nossa solidariedade para com os revolucionários russos em armas. Deixemos-nos dizer, porém, que, devido à situação do país, tal solidariedade não passará dum platonismo. Não passará dum platonismo porque Portugal chegou a um ponto que, pouco ou nada tendo para exportar, deve pedir a todos os santos que tenha no céu que as potências que nos seus armazéns ainda algo possuem, lhe continuem cedendo uma pequena parte do seu recheio. Não deixa de ser, sem embargo, uma atitude cheia de dignidade e altivez, neste momento em que todo o pobre diabo se julga no direito de deitar espuma contra a Revolução Russa, acontecimento histórico de muito maior grandeza que a conflagração mundial que, quando se fizer a história da convulsão social, económica e política por que a Humanidade está passando, bem à vontade será deserta uma grossa de páginas. A afirmação feita anteontem é uma afirmação platonica porque as circunstâncias assim o querem.

Mas se preciso fosse entrar nos domínios da realidade, se os governantes portugueses repetissem a farsa da intervenção na guerra, pretendendo enviar carne para canhão lá para as longínquas *steppes* slavas, estamos convencidos de que os trabalhadores portugueses, que a Revolução Russa tem afirmado a sua simpatia, que repudiaram sempre as peçonhentas calúnias inabituais lançadas pela burguesia, não recusariam ante os maiores sacrifícios para que do país não saísse uma grama de pólvora, uma bala, um bago de trigo, um soldado, com que os tsaristas atestassem a fogueira em que querem, embora a nação russa desapareça da face do universo, consumir até final as forças revolucionárias.

Não somos bolxevistas. Acima de tudo somos sindicalistas revolucionários. Amanhã, feita a revolução, bradaremos: «O poder para os sindicatos». Mas não vejamos nesta atitude indiferença ou hostilidade para com a Revolução Social Russa. Bem pelo contrário, seguimos atentamente a marcha do movimento, procuramos assimilar os ensinamentos que dele resultam e apoiaremos sempre a Revolução contra os ataques da internacional negra e capitalista e do militarismo. E que essa é a nossa atitude, demonstram-nos as deliberações tomadas na importantíssima reunião de anteontem, onde se definiu oficialmente, pela primeira vez, a atitude dos trabalhadores portugueses em face do bolxevismo.

O I Congresso Ferroviário Português

Vai ser uma grande parada de forças com que a Organização Operária bastante lucrará

Espera-se com grande ansiedade o I Congresso Ferroviário Português. No momento que passa grandes problemas há a debater, a estudar e a ponderar. A realização do Congresso vai-se tornando de dia para dia cada vez mais urgente. A queda da burguesia aproxima-se vertiginosamente, deve, portanto, este Congresso estudar bem as medidas a adoptar para que essa queda não traga confusões. É necessário que todas as classes estejam prontas a receber a revolução inevitável, porém, a ferroviária tem toda a conveniência em saber dirigir com proficiência os grandes serviços de transportes, porquanto destes depende muito a estabilidade dum regime de proletários emancipados.

Grande é o entusiasmo nesta classe pela próxima realização do Congresso, porque ele virá beneficiar não só os ferroviários do país como a Organização Operária em geral.

Reuniu ontem a Comissão organizadora que apreciou e deu o devido despacho ao expediente. Entre a correspondência contam-se vários officios das camaradas ferroviárias espanholas, francesas, belgas, suíças e holandesas e da Comissão do Congresso Internacional dos Trabalhadores dos Transportes (com sede em Amsterdam), cujo Congresso se deve realizar em Christiania - no dia 15 de Março próximo, para o qual foram convidados os ferroviários a enviar delegados. Os camaradas fran-

NOTAS & COMENTÁRIOS

Trabalhar Que é preciso trabalhar, por ser muito grande a situação do país, clamam os políticos a cada passo, não hesitando em lançar o labeu de vadios sobre corporações operárias que num dia fazem mais do que eles em toda a existência. Para manterem uma atitude coerente, deviam, pois, os profissionais da política dedicar-se com afan ao seu mister, mantendo, ao menos, a ilusão de que eram criaturas que infatigavelmente trabalhavam pelo bem pátrio. Mas não; ao menor pretexto, decretam férias para uso próprio, não deixando passar uma festividade religiosa, uma data política, um folgado pagão. Foi o que sucedeu agora, pelo Carnaval. O presidente do ministério multou-o de tal forma que de verdade não existe; a imprensa censurou quasi unanimemente os excessos e brutalidades a que a antiquíssima festa pagã dá origem, mas a pitoresca cegada de S. Bento é que se não deu por convencida, estabelecendo que as câmaras fechem até à próxima segunda-feira. Não há dúvida, razão tem os benemeritos da pátria ao repisarem o chavão exportado pela França: trabalhar, trabalhar muito...

Uma campanha Um jornal da manhã, que sempre se distingue pela instabilidade das suas opiniões, vem desenvolvendo nos últimos tempos, secundado pela edição vespertina, uma campanha contra a lei das 8 horas, lançando mão de todos os processos para a derrubar no conceito da opinião pública, não se lembrando, contudo, que essa mesma opinião é formada principalmente pela classe operária, que dia a dia verifica os benefícios que lhe trouxe o encurtamento da jornada de trabalho. Assim, já a publicação de duas ou três cartas de operários - que, pela forma como pensam, estão deslocados nas suas classes, devendo a burguesia auxiliá-los carinhosamente, - voltando ontem a inserir uma carta que um reduzido grupo de litógrafos amarelos de Setúbal dirigiu ao patrão, engraxando-o dum forma escandalosa e declarando-se «pronto a transgredir quantas vezes ele queira, o horário das 8 horas. Publica a carta e, ainda não contente, o *Kolosso* chama-lhes operários conscientes, dizendo que trabalhar mais de 8 horas é a boa doutrina. Ora sendo essa a *boa doutrina*, devendo trabalhar-se 12 e mais horas por dia, porque razão o grande jornal de informação não completa a sua campanha, aconselhando a vadiagem doirada a desempenhar uma função útil, a contribuir, a trocar dum certo exercício dos músculos, a que não está afeita, para a intensificação da produção?

Imprensa O jornal da noite *A Opinião* não entrou ontem no seu 5.º ano de publicação. Também *A Monarquia* entrou há dias no seu 4.º ano, motivo porque a estes dois jornais desejamos as maiores prosperidades. Segundo jornal informava o primeiro destes jornais, as empresas da *Manhã* e da *Vitória* vão fundir-se numa só, passando um destes jornais a publicar-se à noite. Continuarão com a mesma orientação política e a redacção de cada um deles será sensivelmente a mesma, ficando ambos instalados no Chiado.

O Deus Lemos no *Tempo*, de ontem, um *sueito* que nos comoveu. Não podemos passar sem o reproduzir, para que os leitores o apreciem e sintam uma emoção de prazer idêntica à que nós sentimos:

Continua em Madrid, hospedado no Hotel Ritz, o grande industrial português sr. Alfredo da Silva, o mais belo espírito em preponderância do *Faz Faltava* aqui o sr. Alfredo da Silva. Mas, entre meter na ordem e na cadeia aqueles que todos os dias horroam a vida do director da Companhia União Fabril e deixar que emigrasse um autêntico valor, o sr. Cardoso preferiu o seguinte expediente:

Realmente a odisseia do sr. Alfredo da Silva é triste. Um indivíduo que tanto contribuiu para o bem-estar do proletariado não devia de ter as amarguras do exílio. *Faz Faltava* que faz falta aqui o sr. Alfredo da Silva.

Faz falta, é uma verdade. Nós não podemos continuar a comprar as suas mercadorias por tão baixo preço. E, portanto, necessário que o sr. Alfredo da Silva regressasse a esta abençoada terra. É preciso que as suas mercadorias subam, subam muito. E só ele as pode fazer subir, porque é um *espírito empreendedor*; só ele conseguirá fazê-las subir porque Alfredo da Silva é grande, é sublime, é Deus.

Que regresse e nos lance a sua benção... de assambarco!

Ceases e hespanhóis desejam enviar delegados ao Congresso português.

COIMBRA, 14. - C. - Reuniram em assembleia geral os empregados da Tracção Eléctrica, que apreciaram a atitude da câmara perante as suas reclamações. Em seguida foram lidos diversos officios convidando este Sindicato a aderir ao I Congresso Ferroviário que se vai realizar em Lisboa. Depois de acalorada discussão resolveu aderir ao dito Congresso nomeando delegado directo o camarada José Guerra.

FEIRA, 10. - C. - O jornal *O Voz*, órgão do pessoal da Companhia do Caminho de Ferro do Vale do Vouga, transcreveu uma entrevista da *Batalha* com o camarada Miguel Correa sobre o Congresso Ferroviário. Sabemos que a associação de classe desta Companhia, está em correspondência directa com a comissão organizadora do Congresso, lavrando grande entusiasmo entre o pessoal.

O camarada Miguel Correa conta neste Caminho de Ferro com muitos amigos entre os quais o correspondente da *Batalha*. Ainda não esquecemos as belas afirmações revolucionárias de Miguel Correa, o melhor ornamento da grande família ferroviária, o símbolo da honra e lealdade.

OS FACTOS MANDAM

Por muito intenso e poderoso que seja o nosso desejo de ver realizada a transformação do regime social, a verdade é que essa transformação não depende da nossa vontade, sendo em absoluto determinada pelos factos, para a sucessão dos quais, nós, os chamados revolucionários, em quasi nada concorremos.

É claro que me refiro à situação particular do nosso país. Ninguém com a cabeça no seu lugar suporá possível e estável um movimento revolucionário em Portugal com o objectivo de remodelar de alto a baixo a organização social vigente, sem que na Europa se produzam certos acontecimentos que paralizem quaisquer intuições de agressão das potências que nos cercam, tam manifestas é a impossibilidade de oferecermos uma resistência duradoura. Não é demais repeti-lo. A mudança de instituições em Portugal virá como um reflexo dos sucessos internacionais e não como consequência dum movimento revolucionário autónomo que não oferece a menor probabilidade de êxito e de estabilidade.

Entretanto, os Estados históricos resistirão à influência desses sucessos, segundo a distância a que estiverem colocados dos focos revolucionários, e ainda segundo a capacidade dos seus dirigentes e a falta de coesão das forças opostas. Em Portugal, pelas condições especiais da sua política interna e da situação económico-financeira, não haverá resistência séria. Tudo ruirá com estrondo ao primeiro solavanco. Não haverá um combate, ver-se-á uma fuga. E por infelicidade de nós todos essa fuga não será determinada pela coesão das forças opostas. Em Portugal, são muito poucos os revolucionários, os que querem destruir o existente tendo concepções aceitáveis duma organização social nova, moldada em princípios de equidade e nivelamento.

Pelo contrário, os descontentes, os revoltados, com a fobia da destruição mas sem concepções creadoras, são incontáveis e aparecem em toda a parte. É infalível que as primeiras investidas no sistema verificadas na Europa Ocidental, o poder em Portugal ficará ao dispor do mais audaz. Depois...

Ao ser presente o orçamento geral do Estado para 1919-2020 por-se as mãos na cabeça por se ter verificado um défice orçamental de 82.000 contos. O último orçamento, o de 1920-21, apresentou já um défice de 115.000 contos, isto é, com a diferença de 33.000 contos, que subirá a 38.000 se for aprovada a proposta do sr. Helder Ribeiro, consignando um novo encargo de 5.200 contos com as despesas militares, o que faz subir estas à invejável cifra de 101.000 contos. Temos assim, só num ano, um aumento de 38.000 contos no défice, se novas propostas de aumento não forem apresentadas.

Ora tudo isto da nossa situação financeira - a dívida pública provável de 1.500.000 contos, um défice orçamental regular de 120.000 contos, os encargos da dívida pública trepando para cima de 60.000 contos, uma circulação fiduciária que galopa furiosamente para 400.000 contos, tudo isto, repito, num país como o nosso, com a quasi totalidade das suas riquezas por valorizar, seria coisa mínima, se houvesse entre nós estadistas que conhecessem ver claro e tivessem força e prestígio para realizar alguma coisa. É possível que existam alguns desses estadistas, mas o certo é que nada poderão realizar. O ambiente é hostil a realizações dessa natureza. Os interesses criados inutilizarão toda a tentativa bem orientada no sentido de modificar os nossos hábitos morais e políticos, de marcar uma nova directriz na marcha dos negócios públicos. Experimentem quem o quizer e verá que se inutiliza sem nada de proveitoso haver conseguido.

A situação portuguesa, encarada sob qualquer dos seus aspectos administrativos, é grave. Entretanto, não é a gravidade actual da situação que mais deve assustar todos os que tem interesse em manter o existente. O perigo está em verificar-se que resultarão improficuos todos os esforços iniciados para melhorar essa situação e que é impossível evitar o seu agravamento. Não é preciso ser-se profeta para afirmar que de hoje a um ano o défice orçamental estará em 150.000 contos e que o custo da vida terá sofrido um agravamento de 50 % em relação aos preços actuais.

O montante da circulação fiduciária excede em muito as necessidades das transacções regulares. Ninguém quer a situação para se tornar imprudente no fundo da caixa. Procura-se a sua colocação em qualquer coisa que renda, que reproduza dinheiro. As terras de lavoura sofreram uma valorização de 400 % depois da guerra, a propriedade urbana que conseguiu eximir-se à lei doquilato sofreu uma valorização ainda maior, os estabelecimentos comerciais e industriais acompanharam paralelamente aquela valorização e assim em todos os ramos de actividade, de modo que os juros e os dividendos aumentaram proporcionalmente ao empenho de capitais. O excesso da circulação não foi distribuído equitativamente. Há mais abarrotadas de notas e outras que não tem nenhuma. A este mal juntam-se muitos outros - a depreciação da moeda, a alta dos fretes, a especulação mercantil, etc.

Como não é possível que os partidos políticos, assediados pelas clientelas e pela necessidade de manter a influência

eleitoral, resignem o monopólio do poder, o equilíbrio orçamental não se conseguirá e daí a imperiosa necessidade de recorrer a novos créditos - aumento da circulação fiduciária ou empréstimos, pois os impostos darão apenas para uma parte dos novos encargos a criar, como aumento de vencimentos ao funcionalismo, melhoramento de serviços, etc., e assim, postos novos milhares de contos em circulação, repeti-se há o mesmo jogo, a acumulação dos capitais nas mãos de alguns, a mesma ansia de colocação em empresas reprodutoras de novos lucros, do que resultará ainda uma maior valorização das terras, das oficinas e fábricas e, consequentemente, o aumento dos juros e lucros correspondentes à cifra dos capitais empastados, o que dá, em definitiva, a elevação dos preços dos artigos produzidos e transaccionados por essas empresas.

O círculo vicioso mantém-se. O funcionalismo público, assediado por mil e uma dificuldades, pede aumento de vencimento; o Estado cede agravando os impostos. O operário vê subir o preço dos géneros e reclama maior salário; o industrial transige indo buscar a diferença, com juro, ao aumento de cento dos produtos que coloca no mercado. O lavrador a quem agravam os impostos, endossa-os ao comerciante que lhe adquire os produtos; o comerciante que vê encarecer os fretes, desconta-os com ágio ao consumidor. E não se sai do círculo vicioso, enquanto se não operar a rutura do sistema social que gera aquele círculo.

Contra isto o que opõem as camadas dirigentes? As campanhas na imprensa, recitando hoje, amanhã, sempre, que o remédio dos nossos males está em produzir mais e no entendimento de operários e patrões? Ou ainda a criação de instituições tendentes a combater a anarquia, como a Confederação Geral dos Trabalhadores Intelectuais dos srs. Boavista Portugal e Meira e Sousa?

Parce-me tudo isso muito insuficiente. Porque, não se esqueça, estamos na presença de factos que não de determinam fatalmente a queda do regime existente. O que aí se está vendo, da parte daqueles que perante a situação e daquelas que se tem a impressão da passiva responsabilidade que sobre si impendem, deviam revelar clarevidência, energia e decisão, é o abandono, é o começo da fuga.

Pois que assim desertem do seu posto, não tem que admirar-se que dêste lado se grite: - *Organizemo-nos, preparemo-nos, não vá suceder um caos a outro caos.*

J. Carlos RATES

Modos de ver...

Entende *O Combate* que nós somos adversário desleal e, porque assim o entendem, um artigo que anteontem dedicava à *Batalha*, depois de dizer que vive com dificuldades, o que também sucede connosco por virtude da carestia do papel, pretende justificar o facto, que nos merecem reparos, de publicar comunicados que colidem com os interesses do povo, e, num *sueito*, insinua que inserimos já qualquer coisa «sobre joguismo, mascarado com turismo». Entre o nosso procedimento e o do *Combate* há certa diferença, como vai ver-se.

Pretendemos uma agência publicar neste jornal um comunicado defendendo o jogo, mas a administração da *Batalha*, que nunca fez inserir na gazeta anúncios ou comunicados sem o sinal de pago, nem mesmo nestas condições se prestou a publicar aquele, fazendo-o só depois da referida agência se ter sujeitado a cortar exactamente a parte que tratava do jogo, e isto porque, a despeito de a *Batalha* ter uma secção de matéria paga, não aceita, sob pretexto no que diz respeito a comunicados, tudo quanto aqui aparece, e a matéria paga que se publica ali, toda ela, com aquele sinal, já o mesmo não faz *O Combate* e exactamente porque tem dado à estampa reclamações que se confundem com artigos da redacção, alguns deles defendendo o que é indefensável num jornal que combate pelo Socialismo, daí a razão da nossa justa estranheza.

Sobre o que conta acérca da firma Jerónimo Martins, somos a dizer-lhe que felizmente estamos habilitados a afirmar-lhe que a um sócio-dono, que se a esta officina veio solicitar-nos, o maior fervor, que não publicassemos uma notícia que tratava duma apreensão que lhe fora feita, não só lhe dissemos que publicáramos essa notícia, mas que dissemos-lhe alguma coisa sobre o assunto. E fizemo-lo porque não há capitalista que nos comova.

Quanto às restantes considerações de *O Combate*, apenas objectaremos que, sendo maiores... e vacinados, temos exercido direito de critica como entendemos, embora por vezes a nossa atitude desagrade ao nosso confrade.

Neno Vasco

Este nosso presado camarada e amigo agradece sentidamente a todos os que, por ocasião da perda que sofreu recentemente, lhe endereçaram palavras de simpatia e conforto, não podendo responder pessoalmente, por lhe ter o seu médico ordenado completo repouso.

Os pintores belgas em Lisboa

O ministro da Bélgica manifestou o desejo de que, sob patrocínio do governo português, se efectuasse em Lisboa uma exposição de pintura de artistas belgas.

Pobre Arte!

Um protesto da A. C. T. ao ministro da instrução

Fizemos, num dos nossos últimos números, referência ao facto do sr. Luís Galhardo, o conhecido empresário teatral, ir substituir o sr. João Dantas como director da Escola de Arte de Representar, o que só será possível neste país, em que acontecimentos tam edificantes se verificam.

O caso mereceu, e muito bem, a atenção da Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro, que ao ministro da instrução dirigiu este justo protesto:

Sr. ministro da instrução pública. - Noticiamos os jornais que, assumindo a substituição do director da Escola de Arte de Representar pelo actual gerente do Teatro Nacional Almeida Garrett.

A Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro não acredita que essa notícia corresponda à expressão da verdade: a A. C. T. tem de v. uma opinião superior. Faltam, porém, os meios de a verificar, através de um período de notável decadência. Revelam-se actores de mérito, compositores excelentes, scenógrafos respeitáveis, bailarinos, cantores, músicos, etc., mas a expressão histórica. O actor, com raras excepções, além de uma precária instrução geral, possui uma incompleta educação da sua arte.

O teatro português vive da glória de dois ou três velhos nomes. A Escola de Arte de Representar não lhes tem preparado os continuadores, demonstrando completa esterilidade. Se não fora o natural talento de meia dúzia de novos, que só do talento tem vivido e dado o nome, o teatro português seria uma arte escénica moribunda. A dita escola não tem aperfeiçoado talentos, nem educado os que, a falta de talento, possuem todavia a vontade de aprender.

Daqi se conclui que a Escola de Arte de Representar tem sido, pelo menos, inútil. E porque? Porque o seu director, o sr. João Dantas, não dispõe de tempo suficiente para dedicar a instituição de tam alta responsabilidade. Mas, enfim, o sr. João Dantas não tem tempo para o teatro. Ninguém discute a legitimidade dos seus títulos para tam alto cargo. Faltou, porém, a falta de contingência da vida.

Agora, porém, o sr. Dantas não está doente e cansado e talvez também convencido da esterilidade do seu esforço e vontade e pretenda ser substituído.

Nada mais correcto do que o sr. Dantas, segundo ser um notável director da Escola de Arte de Representar, continuar a ser o mesmo brilhante escritor e ilustre actor dramático.

Mas a notícia dos jornais, em que a A. C. T. não acredita como expressão da verdade, veio trazer o assunto do Conservatório. Que tenham criaturas possuidoras de todos os requisitos, e o mais humano e frequente na vida, mas, que se lidiquem com o teatro, não é uma tarefa fácil, que já deram todas as provas negativas da sua aptidão, e que não pode acreditar-se.

V. que tem tempo para a instrução e a educação superior a conveniências políticas ou pessoais, saberá, como toda a gente, que o sr. Luís Galhardo, actual gerente do Teatro Nacional Almeida Garrett, tem revelado qualidades de administrador tais que chegou a possuir seis casas de espectáculo, o que representa um largo desenvolvimento do seu ramo de negócio.

Mas a Arte nacional terá ganho com isso alguma coisa? Vê-se que não. O teatro português continuou a ser o mesmo, com os mesmos dois ou três velhos nomes. A técnica teatral é, naqueles seis teatros, a mesma dos outros e a mesma de vinte e mais anos em todos os teatros de Portugal. Conservatório, não tem produzido artistas completos, nos teatros de tam arrojado empresário também não. Os poucos talentos apreciáveis de alguns actores e bailarinos, não são os melhores (nóstras companhias) aparecem em todos os seis teatros, dando a ilusão de haver actores para todos, como as operetas se dá a impressão de figurantes que saem por uma porta para entrarem por outra.

No que caminha dito, sr. ministro, verá o sr. superior a conveniências políticas ou pessoais, saberá, como toda a gente, que o sr. Luís Galhardo, actual gerente do Teatro Nacional Almeida Garrett, tem revelado qualidades de administrador tais que chegou a possuir seis casas de espectáculo, o que representa um largo desenvolvimento do seu ramo de negócio.

Mas a Arte nacional terá ganho com isso alguma coisa? Vê-se que não. O teatro português continuou a ser o mesmo, com os mesmos dois ou três velhos nomes. A técnica teatral é, naqueles seis teatros, a mesma dos outros e a mesma de vinte e mais anos em todos os teatros de Portugal. Conservatório, não tem produzido artistas completos, nos teatros de tam arrojado empresário também não. Os poucos talentos apreciáveis de alguns actores e bailarinos, não são os melhores (nóstras companhias) aparecem em todos os seis teatros, dando a ilusão de haver actores para todos, como as operetas se dá a impressão de figurantes que saem por uma porta para entrarem por outra.

Nestas condições, a A. C. T. que tem esta obrigação de velar pela glória da Arte nacional, vem dizer a v. que não acredita na aludida notícia dada pelos jornais. Tem v. na mais alta consideração intelectual e julga-o um indivíduo sem qualquer interesse no teatro português, que faltou como director da Escola de Arte de Representar, por um empresário que, tora sabido desleal, o seu negócio, não tem demonstrado qualquer interesse técnico, nem progressão da representação histórica.

Tem v. escritores, actores, bailarinos, cantores, músicos, etc., mas a expressão histórica. O actor, com raras excepções, além de uma precária instrução geral, possui uma incompleta educação da sua arte. O teatro português vive da glória de dois ou três velhos nomes. A Escola de Arte de Representar não lhes tem preparado os continuadores, demonstrando completa esterilidade. Se não fora o natural talento de meia dúzia de novos, que só do talento tem vivido e dado o nome, o teatro português seria uma arte escénica moribunda. A dita escola não tem aperfeiçoado talentos, nem educado os que, a falta de talento, possuem todavia a vontade de aprender.

Daqi se conclui que a Escola de Arte de Representar tem sido, pelo menos, inútil. E porque? Porque o seu director, o sr. João Dantas, não dispõe de tempo suficiente para dedicar a instituição de tam alta responsabilidade. Mas, enfim, o sr. João Dantas não tem tempo para o teatro. Ninguém discute a legitimidade dos seus títulos para tam alto cargo. Faltou, porém, a falta de contingência da vida.

Agora, porém, o sr. Dantas não está doente e cansado e talvez também convencido da esterilidade do seu esforço e vontade e pretenda ser substituído.

Nada mais correcto do que o sr. Dantas, segundo ser um notável director da Escola de Arte de Representar, continuar a ser o mesmo brilhante escritor e ilustre actor dramático.

Mas a notícia dos jornais, em que a A. C. T. não acredita como expressão da verdade, veio trazer o assunto do Conservatório. Que tenham criaturas possuidoras de todos os requisitos, e o mais humano e frequente na vida, mas, que se lidiquem com o teatro, não é uma tarefa fácil, que já deram todas as provas negativas da sua aptidão, e que não pode acreditar-se.

V. que tem tempo para a instrução e a educação superior a conveniências políticas ou pessoais, saberá, como toda a gente, que o sr. Luís Galhardo, actual gerente do Teatro Nacional Almeida Garrett, tem revelado qualidades de administrador tais que chegou a possuir seis casas de espectáculo, o que representa um largo desenvolvimento do seu ramo de negócio.

Casa dos Trabalhadores

Cada dia que passa, mais claramente se nota a falta que nós faz não ter sido há mais tempo instituída a Casa dos Trabalhadores.

Há entre nós uma juventude que acordou para a luta e qual não desalça os homens de amanhã. Essa juventude, a quem aslecos não deram os conhecimentos precisos para inteiramente sabermos o que deve ser a nova organização social, busca por toda a parte instruir-se, e não encontram aquelas escolas que, entre as horas de labor e o necessário repouso físico, lhe deviam dispensar lições de coisas e de factos, que lhe dessem base segura à sua acção na sociedade; que ouvir a palavra autorizada daqueles que tem estudado as novas bases sociais, o novo caminho que a humanidade há tanto tempo busca, e não há salas que comortem mais de um centenar de ouvintes e nenhuma decentemente preparada onde toda a gente, professores e alunos, se sintam bem.

Há uma imensidade de organismos novos que se querem instalar, organismos que são o complemento da organização operária que aí está, há bibliotecas de estudo, centros de propaganda social para formação de novas forças constitutivas duma sociedade que se quer mais perfeita e não há gabinetes onde se possam instalar.

Estão, pela escassez de gabinetes, todas ou quasi todas as organizações, apertadas, amontoadas, mal instaladas; e só temos esperança de boa ou mais ou menos cómoda instalação, porque só assim se pode produzir bem, quando a Casa dos Trabalhadores seja um facto.

Por tudo isto, por muito mais que a exiguidade do espaço não nos permite enumerar, é que urge que cada trabalhador, manual ou intelectual, cumpra o seu dever contribuindo com o mais que possa para que a Casa dos Trabalhadores, ainda este ano seja um facto.

Comissão pró-Casa dos Trabalhadores

Para tratar de assuntos da maior importância que se prendem com o desenvolvimento da propaganda no seio dos sindicatos, para que se faça aumentar tanto quanto possível e apressar o máximo a contribuição pró-Casa dos Trabalhadores, e ainda para nomeação de várias sub-comissões, pede-se a comparencia de todos os membros da Comissão Central à reunião que se efectuará na quarta-feira, 18 do corrente, às 21 horas, no gabinete da C. G. T.

Festas pró-Casa dos Trabalhadores

A Comissão Central pede a todos os grupos e indivíduos que estejam promovendo quaisquer recitas em benefício da Casa dos Trabalhadores, o favor de comunicarem com a dita comissão, pondo-a ao corrente das datas e locais onde as mesmas se venham a efectuar, bem assim que lhe designem onde os promotores das mesmas se podem encontrar para trocar impressões, com o delegado desta comissão que trata desse assunto, delegado esse que pode ser encontrado todos os dias no gabinete da comissão ou na administração de a *Batalha*, das 9 às 23.

Novas adesões

O nosso colega *O Ferroviário*, órgão da imprensa, do Sindicato do Pessoal dos Caminhos de Ferro Portugueses, no seu número de 3 do corrente mês, publica o seguinte, sobre a Casa dos Trabalhadores:

Camaradas. - A actual carestia da vida e a grande falta de casas faz perigar a estabilidade dos nossos organismos sindicais; porque de um momento para o outro podemos ver os organismos ser arrematados a ruínas pelos senhores rapazes a pretexto de que precisam da casa para si ou para fazer obras.

Por isso é tão imprescindível que os trabalhadores de todo o país façam mais um sacrifício contribuindo com um dia de salário para a aquisição de um prédio para a Casa dos Trabalhadores, onde possam ser instalados a Central dos Sindicatos, a *Batalha* e mais organismos sindicais, biblioteca e um grande salão de conferências, assembleias magnas, etc., podendo servir a todo o operariado em geral.

Todos os camaradas ferroviários que desejem contribuir com um dia de salário para a Casa dos Trabalhadores podem enviar a importância para o Sindicato Ferroviário da comissão pró-Sede Sindical, que por sua vez

